



SEÇÃO: EDITORIAL

Tempo passado e tempo presente: literatura e linguística

Past time and present time: literature and linguistics

Tiempo pasado y tiempo presente: literatura y lingüística

Regina Kohlrausch¹

orcid.org/0000-0002-1410-7429
regina.kohlrausch@pucrs.br

Recebido em: 04 maio 2021.

Aprovado em: 04 maio 2021.

Publicado em: 11 junho. 2021.

"Tempo, tempo, tempo..., todo tempo é tempo, tudo tem seu tempo, el tiempo pasa, o tempo não para, dar tempo ao tempo, nada melhor que o tempo, tudo é uma questão de tempo..." É nessa perspectiva, dos idos tempos e dos tempos vindouros, que vamos passando por este novo tempo, o tempo presente, tempo de pandemia, de isolamento e distanciamento físico, na expectativa de um outro novo tempo, um tempo futuro, talvez, melhor, mais bem aproveitado, quem sabe, em função da experiência deste tempo presente, que se quer, com urgência passado.

Santo Agostinho, em *Confissões*, obra composta por 13 livros, que trata, conforme Leão (2001, p. 15), de "uma caminhada que não acontece somente dentro do homem, mas também diante dos homens", ao refletir sobre o tempo, pergunta-se:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem poderá apreendê-lo, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 278).

Na resposta à pergunta acerca da familiaridade do tempo na conversa cotidiana, sintetiza: "Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam." Mas seu questionamento prossegue "O que é, por conseguinte, o tempo?". Novamente responde: "Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicá-lo a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobrevivesse, não haveria futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente" (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 278).

Essa afirmação leva-o a nova pergunta:

De modo que existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente só existe porque tende a não ser? (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 278-279).

Na continuidade de seus questionamentos, Santo Agostinho comenta acerca dessas três divisões do tempo e da caracterização longo ou breve de algo que não existe. Para ele,

chamamos *longo* ao tempo passado, se é anterior a cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é *longo*, se é posterior ao presente, também cem anos. Chamamos *breve* ao passado, se dizemos, por exemplo, "há dez dias"; e ao futuro, se dizemos "daqui a dez dias". Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. Não digamos: "é longo"; mas digamos do passado: "foi longo"; e do futuro: "será longo" (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 279, grifo do autor).

Frente a isso, convida para examinar se o ano que está passando pode ser presente. Segundo o pensador, levando em conta a composição do ano em doze meses,

um mês qualquer é presente enquanto decorre; os outros são passados ou futuros. Nem sequer, porém, o mês que está decorrendo é presente, mas somente o dia. Se é o primeiro dia, todos os outros são futuros; se é o último, todos os outros são passados; se é um dia intermediário, está entre dias passados e futuros (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 280).

Nessa mesma perspectiva, ano e mês, Santo Agostinho volta-se para o dia e a noite, composição de vinte e quatro horas, entre as quais "a primeira tem as outras todas como futuras, e a última tem a todas como passadas", ou seja, como explica o filósofo, "uma hora compõe-se de fugitivos instantes", pois "tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que dela ainda resta é futuro" (2001, p. 280). Assim, entre esse passado e esse futuro, o tempo presente só pode ser percebido, se "pudermos conceber um espaço de tempo que não seja susceptível de ser subdividido em tais partes", ou seja, passado e futuro (2001, p. 280). Tal situação sinaliza que o tempo presente passa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração e, por isso, não tem nenhum espaço. Em função disso, Santo Agostinho (2001, p. 281) retorna ao caracterizador do tempo como

longo e pergunta-se, "Onde existe, portanto, o tempo longo? Será o futuro?" Porém, como esse tempo ainda não existe, não é possível dizer que "é longo" nem que "será longo". Para adquirir a capacidade de ser longo, esse tempo precisa nascer para se tornar presente, mas mesmo assim não pode ser longo. Seguindo essa linha sobre a duração do tempo, o pensador afirma que se percebe os intervalos dos tempos e que se diz, na comparação, que uns são mais longos e outros mais breves, medindo, inclusive, quando é mais comprido ou mais curto. No entanto, como explica Santo Agostinho, não medimos os tempos que passam porque, para ele, "quem pode medir os tempos passados que já não existem ou os futuros que ainda não chegaram?" (2001, p. 281). Em outras palavras, "quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já tiver decorrido, não pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe." (2001, p. 280). Na continuidade, ao refletir sobre os três tempos que se aprende na infância, o pretérito, o presente e o futuro, leva-o a concluir que "é impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das [coisas] presentes, presente das [coisas] futuras" (2001, p. 284). Conforme explica, existem, em sua mente, estes três tempos: "lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras" (2001, p. 284). Diz ainda que não se importa e não se opõe acerca da existência dos três tempos – pretérito, presente e futuro – desde que "se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou o que é passado subsiste ainda, já que poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata" (2001, p. 284). Mesmo falando sem exatidão, entende-se o que pretendemos dizer, conclui o filósofo.

Na sequência, clamando ajuda para desfazer o enigma de mensurar aquilo que não existe, expõe que se fala "do tempo e mais do tempo, dos tempos e ainda dos tempos", que se anda constantemente, com o "tempo" na boca:

"Por quanto tempo falou este homem?" "Quanto tempo demorou fazendo isto?" "Há quanto tempo não via aquilo?" "Esta sílaba longa tem o dobro de tempo daquela sílaba breve". Dizemos e ouvimos semelhantes expressões. Os outros nos compreendem e nós os compreendemos (SANTO AGOSTINHO, 2001, p. 286).

Finaliza essa parte, "22. Senhor, desfazei este enigma", informando que são palavras claras e muito vulgares e, ao mesmo tempo, bastante obscuras, exigindo, por isso, uma nova análise, a qual se processa a partir do título "23. O tempo é uma certa distensão", continuidade do livro XI, "O homem e o tempo", que se conforma em trinta e uma partes, todas tituladas, conforme tema ali tratado.

Assim, com base nesta breve e despretensiosa exposição sobre o tempo, à luz do pensamento de Santo Agostinho, sem a intenção de discutir sua percepção acerca do tempo, mas com a pretensão de aproveitar os três tempos que ele diz carregar em sua mente – lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras – que se apresenta o conjunto de textos que foram selecionados para compor esta edição da *Letras de Hoje*, a primeira deste ano, 2021. Destaca-se que essa edição, além dos artigos da chamada Temática livre, traz, como novidade, uma Seção especial, que se conforma com o artigo "Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas", da professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília.

Nesse artigo, Dalcastagnè apresenta e discute os resultados de sua pesquisa, extensa em termos de quantidade, 689 romances de autores brasileiros, e necessária e significativa em termos de conteúdo, ou seja, ao voltar-se para os romances publicados pelas mais importantes editoras do País entre 1965 e 1979 e entre 1990 e 2014, a constatação da ausência de dois grandes grupos em nossos romances: dos pobres e dos negros", como escreve a autora. Da leitura do artigo, o leitor e a leitora, além dos dados e da discussão teórica, têm a oportunidade de acompanhar e conhecer os caminhos percorridos para a obtenção de mapeamento do romance

brasileiro. Com base nesse resultado, realizado no tempo presente, olhando para o tempo passado, prospecta um tempo futuro, não no sentido da não existência do tempo, mas no sentido da esperança presente das coisas futuras.

Antes, porém, de chegar à Seção especial, se o leitor e se a leitora preferem seguir a sequência proposta, encontram como ponto de partida "Liberdade e solidão da mulher imigrante", de Bianca Rosina Mattia, que apresenta uma análise da obra *Amrik*, de Ana Miranda, objetivando reflexionar acerca da imigração sob uma perspectiva de gênero. Nesse texto, a experiência temporal que nos move, sinaliza para a visão presente das coisas presentes, uma vez que questões de gênero e a problemática da imigração são uma constante neste período tão anormal, mas que buscamos seguir com certa normalidade, no sentido da esperança presente das coisas futuras.

Continuando, convida-se para a leitura de "A memória como recurso narrativo e como resistência ao patriarcado em "A velha da sacola" e "Uma fantasia para Sofia", de Henriette Effenberger", de Sebastião Bonifácio Junior, cujo foco da análise é verificar como a memória ou essa rememoração de problemas relacionados ao patriarcado se conforma nos contos de Effenberger. Como no texto mencionado acima, a perspectiva temporal que aqui se percebe também é essa visão presente das coisas presentes uma vez que o *corpus* estudado se situa no âmbito da literatura brasileira contemporânea.

Seguindo a ordem proposta, tem-se o artigo "Juó Bananére, um escritor ítalo-brasilião", de Benedito Antunes. Nele, o autor tem como finalidade apresentar a análise da linguagem de Juó Bananére, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933) que, conforme o pesquisador, baseando-se no linguajar do imigrante italiano, que misturava o português com o italiano, o escritor criou uma representação cômica desse imigrante, marcado pela dificuldade de inserção na sociedade brasileira de sua época. Aqui, a percepção temporal volta-se para a lembrança presente das coisas passadas, mas

em completa sintonia com as coisas do presente, uma vez que aborda a questão da migração, tão em pauta no nosso cotidiano atual e futuro.

Prosseguindo, permanecendo na perspectiva temporal da lembrança presente das coisas passadas, encontra-se o artigo "Guimarães Rosa e Portugal", de Gustavo de Castro da Silva e de Paulo Alziro Schnor. No texto em questão, descreve-se as relações de Guimarães Rosa com Portugal desde os aspectos de sua ancestralidade, passando por viagens e visitas à Lisboa e também de suas relações com intelectuais e editores, destacando, ainda, o interesse do escritor brasileiro pela cultura portuguesa, em especial, a literatura e outros assuntos de ordem diversa.

No mesmo âmbito, ou seja, na perspectiva da lembrança presente das coisas passadas, tem-se o texto "Uma literatura viva em reflexões metafísicas maldispostas: presença e crítica do Modernismo em *Cântico negro* de José Régio, e *Tabacaria* de Álvaro de Campos", de Jean Felipe de Assis. O autor, em sua análise, disserta acerca das "transformações nas compreensões a respeito do real, a partir das experiências humanas particulares, integram classicismo e modernismo em pujantes articulações na instauração de uma *Literatura Viva*", em José Régio. Em Álvaro de Campos, escreve Assis, "o contínuo *despertar de sonos dogmáticos* não propicia ao humano acordar de suas quimeras, mas insere-o em perenes ilusões criadas pelas articulações dos sentidos e do pensamento". É na perspectiva do presente que atualiza o olhar sobre a composição poética das obras dos escritores, um nascido e outro criado em Portugal.

Seguindo a ordem estabelecida, chega-se ao artigo "A crônica de Alcione Araújo como espaço de cristalização da literariedade: 'No crepúsculo do outono'" e "Sherazade espantada", de Ivânia Campigotto Aquino, de Luís Francisco Fianco Dias e de Wilian Dal'Ponte, no qual o olhar dos pesquisadores se dirige para a crônica de Alcione Araújo, com o intuito de discutir marcas de literariedade nos dois textos selecionados, ambos publicados no livro *Cala a boca e me beija*. Pode-se, na perspectiva temporal, situar o texto na lembrança presente das coisas passadas,

levando-se em conta apenas o ano de publicação da obra. Ao mesmo tempo, considerando o tema e o gênero textual em análise, situa-se no presente das coisas presentes, já que a crônica, por sua natureza ligada ao tempo, está no presente e fala do presente e, para permanecer no presente, o passado ali narrado deve seguir no presente.

Permanecendo na perspectiva da lembrança presente das coisas passadas, encontra-se artigo "The Merchant of Venice a Comedy or a Tragicomedy?", de Carlos Roberto Ludwig, que discute a caracterização da peça de Shakespeare, partindo do *páthos* e a interioridade no discurso de Shylock, para, depois, adentrar na questão do gênero literário. Para Ludwig, a revisão dessa caracterização está em sintonia com os estudos literários e a discussão sobre as marcas que sinalizam a tragédia, a comédia em direção à tragicomédia.

Seguindo no âmbito da literatura estrangeira, especificamente inglesa, encontra-se o texto "A presença do pensamento científico na obra *Solar*, de Ian McEwan", de Margarete Jesusa Hülsendeger, que tem como objetivo analisar a representação do físico em *Solar*, estabelecendo relações entre a imagem criada pelo autor e as concepções filosóficas sobre o pensamento científico. O estudo proposto mostra como personagens originários das ciências naturais são representados na literatura, abrindo, assim, caminhos para afirmar conexões entre essas duas áreas do conhecimento, aparentemente tão distintas. Além disso, expõe a autora, "a literatura também pode passar a refletir não apenas o saber da ciência, mas o do próprio cientista, demonstrando que esses dois campos do saber habitam o mesmo espaço cultural influenciando-se mutuamente." A perspectiva temporal situa-se tanto na lembrança presente das coisas passadas – a obra foi publicada em 2010 –, quanto na visão presente das coisas presentes – a importância da ciência em tempos de negacionismo –, assim como na esperança presente das coisas futuras, a importância da literatura e demais artes como como fonte de inspiração e de acolhimento.

Por fim, sem ser o fim, mas o fechamento da seção, encontra-se o texto "A biopolítica em

tempos de coronavírus: uma análise discursiva sobre campanhas do Ministério da Saúde no Brasil", de Edjane Gomes de Assis. Como afirma a autora, "desde o final de 2019, e ainda em 2020, o mundo vem se deparando com uma crise sanitária de grandes proporções. Falamos da pandemia provocada pela Covid-19", e segue ainda neste ano de 2021. A autora, explica que cabe aos linguistas "observar como os discursos veiculados pelos órgãos governamentais constituem sentido no que concerne à forma como se estabelece o diálogo com a população." Segundo ela, "este processo de discursivização empreendido pelo poder público denomina-se *biopolítica* – um conceito articulado pelo teórico Michel Foucault, que compreende um conjunto de normas utilizadas para controlar a vida dos sujeitos." O texto em questão situa-se na perspectiva da visão presente das coisas presentes, já que prosseguimos em tempos de pandemia provocada pela COVID 19 e, por isso, seguimos em isolamento e distanciamento social para bem coletivo, na esperança presente de coisas futuras.

Portanto, leitores e leitoras, nossa expectativa é de propiciar momentos de prazer pela leitura dos textos aqui apresentados e de reforçar nossa esperança presente das coisas futuras, neste presente das coisas presentes que clamamos como lembrança das coisas passadas. Que se possa, movidos e movidas pela esperança, seguir *este tempo, tempo, tempo..., dando tempo ao tempo.*

Referências

LEÃO, Emanuel Carneiro. Introdução – As confissões: uma caminhada da libertação. In: SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 17. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 13-19.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 17. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2001.

Regina Kohlrausch

Doutora em Letras, área Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil; professora titular da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Regina Kohlrausch
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 4, sala 2
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.